



Mundo sob o domínio dos bancos

Os 28 maiores bancos do mundo dominam a economia no planeta e têm mais recursos do que as dívidas públicas de 200 países. As verbas destas organizações, que tem o Citigroup, HSBC e Santander na terceira, quarta e 15ª posição, respectivamente, chegam a R\$ 178 trilhões. Maior, portanto, do que os R\$ 173,7 trilhões da dívida pública mundial.

Essa pequena quantidade de bancos concentra 90% do total de ativos bancários no mundo, o que causa hiperconcentração financeira e,

pior, pode gerar dependência das nações aos ganhos do setor.

Para se ter ideia do poderio das organizações financeiras, 90% da criação de moeda no mundo são destas empresas e 10% estão sob responsabilidade dos bancos centrais.

Outro prejuízo à economia mundial é que os gigantes do sistema passam a ditar os juros. Altas taxas fazem girar automaticamente quantidades enormes de dinheiro, o que mantém as empresas seguras nos ganhos.

Uma ponte para o fim dos direitos

O plano do vice-presidente da República, Michel Temer, caso venha a assumir o posto da presidenta Dilma Rousseff, já está pronto. Chamada de "Uma ponte para o futuro" e amplamente divulgada na grande mídia, inclusive nas revistas Exame, Veja, Isto É e Época, a agenda proposta pelo presidente nacional do PMDB tem alvos muito bem delineados: direitos trabalhistas, sociais e estatais.

Ao conchamar o capital financeiro, rentistas da dívida pública, grandes grupos de mídia e a intelectualidade neoliberal para colaborar com o plano, Temer deixa claro a quais interesses servem sua "ponte para o futuro".

Por trás do discurso anticorrup-

ção, o real objetivo de usurpar do cargo uma presidenta democraticamente eleita por 54,4 milhões de votos, sem que pese contra ela qualquer crime de responsabilidade (como exige a Constituição), é aniquilar a legislação trabalhista, cortar direitos sociais e implantar uma política de "desenvolvimento" essencialmente privatista.

A questão colocada não é defender um governo. Porém, não podemos permitir que esses que querem passar por cima da Constituição imponham, à revelia da vontade expressa nas urnas, um programa de governo que traz graves e inúmeros prejuízos para o trabalhador brasileiro. Matéria completa no site do sindicato.

No Brasil, os mais ricos pagam menos impostos

Taxar os mais ricos é a solução mais justa para melhorar a economia brasileira. Segundo pesquisa do Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), 0,05% de toda a população adulta no país (71 mil) detinha, em média, R\$ 4,1 milhões em 2013 mas, ao mesmo tempo, cerca de dois terços do percentual esteve isenta de qualquer incidência do Imposto de Renda.

O levantamento analisou dados do IR de 2007 a 2013. Os mais ricos só pagaram, em média, 7% de alíquota efetiva, enquanto os segmentos intermediários dos declarantes chegaram a 12% de IR.

A desigualdade é consequência de uma política elitista criada pelo governo FHC de isenção dos lucros e dividendos distribuídos pelas empresas aos sócios e acionistas e de uma baixa tributação sobre os ganhos financeiros, que, apesar de terem aumentado para até 30% no ano passado, ainda dificultam uma maior diminuição da desigualdade social persistente no Brasil.

Exemplos - E para o Brasil mudar, basta se espelhar em exemplos de outros países. De acordo com o Pnud, a média da tributação total do lucro de 34 países foi de 48% (64% na França, 57% nos EUA e 48% na Alemanha). No Brasil, o número ainda fica abaixo dos 30%.

Mistério sobre o divulgado prejuízo no HSBC

Os bancários continuam querendo saber o porquê de o HSBC ter registrado prejuízo de R\$ 753 milhões em 2015. E mais uma notícia aumentou o mistério em torno do saldo negativo. O banco Sistema, criado a partir da compra da massa falida do Bamerindus pela BTG Pactual, lucrou R\$ 1,215 bilhão em 2015. Já o HSBC, que havia comprado a parte saudável do Bamerindus, informou tamanha perda. Não dá para entender.

Fim do voto de Minerva na Funcef

A Funcef, enfim, sinalizou sobre o fim do voto de Minerva intensamente combatido pelos empregados da Caixa há anos. Após muita pressão, foi aprovado, em âmbito da Diretoria Executiva da Fundação, o fim do voto de Minerva na Diretoria Executiva. A decisão tem que passar ainda pela apreciação do Conselho Deliberativo e depende da modificação da lei complementar 108, aprovada ainda no governo de FHC. À época, o governo preferiu manter o voto que promove decisões unilaterais da Caixa sobre a Funcef. Decisão típica de antidemocráticos.

A disseminação do ódio de classe no país

Principal responsável pelo ódio de classe que predomina atualmente no Brasil, a mídia conservadora praticamente desconheceu o preocupante caso ocorrido em Porto Alegre, que revela o perigoso caminho tomado pela crise política. Os veículos de comunicação propositalmente ignoram o fato de a médica pediatra Maria Dolores Bressan ter negado atendimento a uma criança, pelo simples fato de ser filho da suplente de vereador pelo PT Ariane Leitão. E o mais grave é que o presidente do Sindicato dos Médicos, Paulo de Argolo Mendes, apoiou tamanho absurdo.